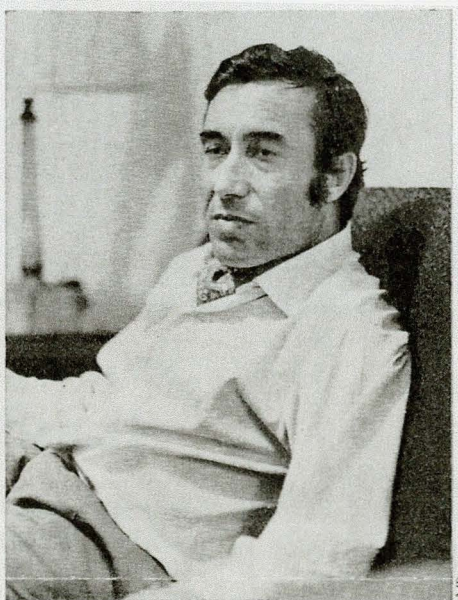




Cardoso Pires: quatro anos de atraso

Estilo e tempo

"O Delfim", José Cardoso Pires; Editora Civilização Brasileira; 183 páginas; Cr\$ 10,00.

Magro, cabelos negros, esbelto e com aspecto de toureiro espanhol, José Cardoso Pires, 45 anos, é ex-leitor de Literatura Portuguesa na Universidade de Londres, grande admirador de Faulkner na literatura e no cinema de Antonioni e Godard, diretores a quem gostaria de confiar a filmagem de seus romances. Quer viver agora só do que escreve, nos arredores de Lisboa, na serra da Arrábida debruçada sobre o Tejo.

Quatro anos depois de ser traduzido da Inglaterra à Hungria, da Checoslováquia à Itália, França e Romênia, seu esplêndido "O Delfim" chega ao Brasil. No Rio para autografar a publicação de seu livro, sua concepção poética e original da cidade define tipicamente seu estilo sensível e complexo. Para ele, o Rio de Janeiro, "embora seja tão atlântico quanto Lisboa e Cidade do Cabo, é a única cidade a me dar a sensação de estar dentro de um navio, com sua palidez sombria, que se prolonga sem interferir no clima de amabilidade e de alegria espontânea que a tornam, a meu ver, tão singular".

Clássico, solene — "O Delfim", "produto da insônia", mistura as técnicas mais ousadas da literatura contemporânea. Prescinde intencionalmente de um enredo, como o "nouveau roman" parisi-

ense. Utiliza recortes do cotidiano, como o argentino Manuel Puig, para iluminar a ficção. E cria uma literatura tão viva e palpitante quanto a de um Calvino na Itália ou de um Juan Rulfo no México.

Misto de policial sobre um suposto crime que não se sabe se houve realmente, "O Delfim" incursiona especulativamente pela realidade portuguesa atual, com aldeias esvaziadas de seus homens emigrados na França, na Alemanha, no Brasil, nos Estados Unidos, mas cheias de juke-boxes e bicicletas que contrastam com igrejas manuelinas. É sobretudo uma angustiada meditação sobre o tempo e a história, entidades imóveis em Portugal. A estagnação no tempo corresponde a estagnação cultural: mas a palavra, como análise dessa situação, não se aliena numa torre de marfim estetizante. Ao contrário, perscruta, indaga, comenta sub-repticiamente, por meio de alegorias e nas entrelinhas. Mas o empenho político-social não empana a lucidez do diagnóstico nem a maravilhosa arquitetura do estilo.

Elegante, clássico, solene, sempre elevado, sem pedantismo, mas impregnado de uma realidade ao mesmo tempo trágica, melancólica e grotesca, é o estilo de um grande mestre — o maior que nos vem de Portugal, cronologicamente, depois de Fernando Pessoa e Eça de Queirós. No pólo oposto ao de Soljenitsin, Cardoso Pires partilha com ele o privilégio da criação de uma linguagem admirável, concisa, penetrante, intelectual, capaz de refletir a inquietação de uma mente contemporânea e aguda ao pesquisar, entre inúmeros outros tributários, os dois motivos-chave de "O Delfim": o da passagem efêmera do homem sobre a terra e o da cristalização de um passado que amordaça o novo, o vivo e o saudável.